

Ana

ILSE LOSA

texto

Manuela Bacelar

ilustração

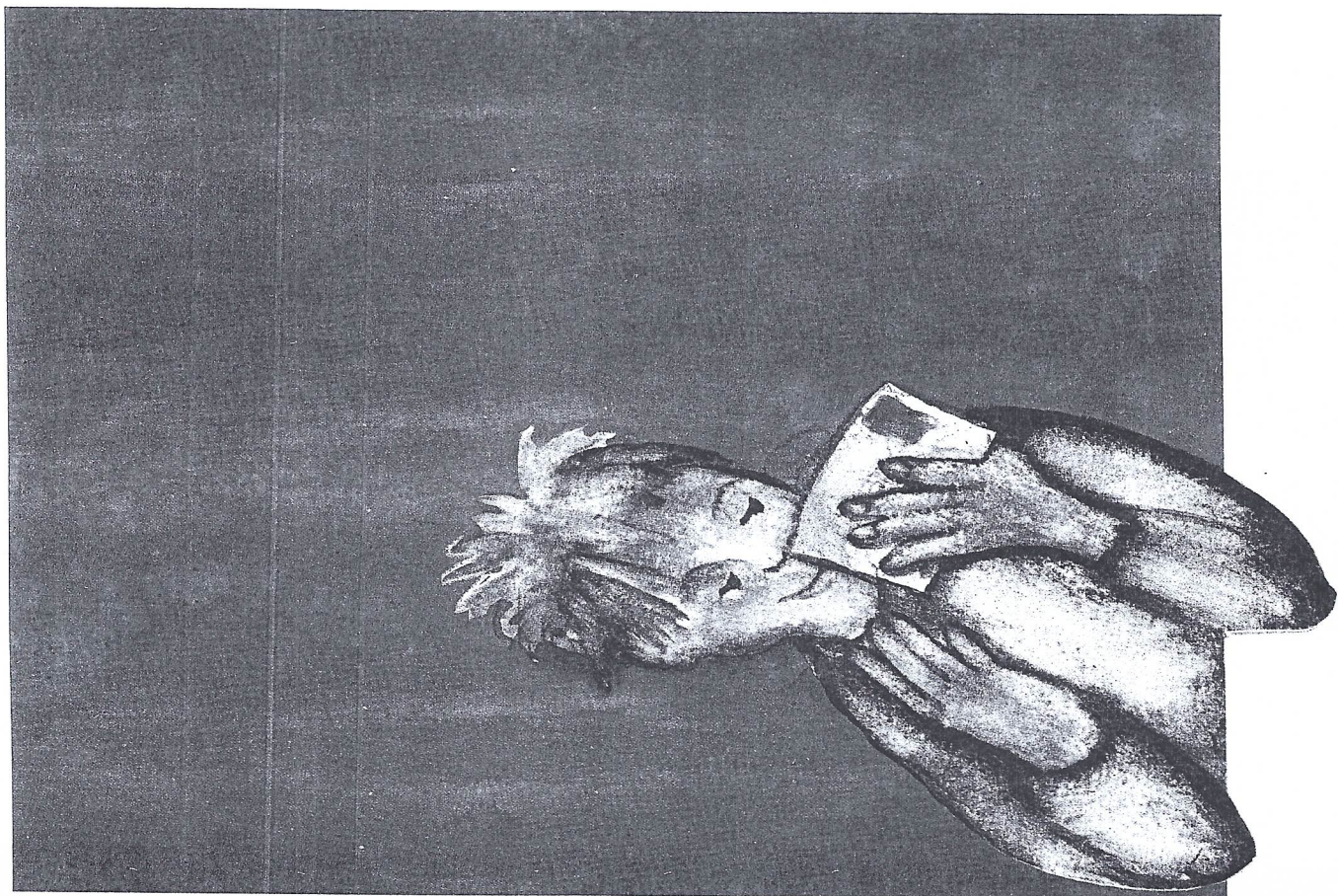


Mico, querido irmão:

Fui, há dias, para te comprar uma prenda de Natal. A tarde estava fria. Não muito, muito fria. Antes de sair consultei o termómetro. Marcava 9 graus. De muito, muito frio acho que só se pode falar quando o mercúrio no tubinho de vidro marca zero, e de frio de rachar quando desce uma data de graus abaixo disso.

De jeans, botas e sacola deambulei pela rua do Sol. Não sei se já lá foste alguma vez. É uma rua estreita e tem, de cada lado, casas tão altas que o sol nunca lá chega a entrar. Sabes? por vezes acontece com as ruas o mesmo que com as pessoas: o nome não lhes assenta. É assim nesta Terra, nem tudo bate certo. Mas cá por mim penso que se chegar o dia em que tudo começará a bater certo, a Terra não será mais a Terra, mas sim o Céu, pois só no Céu isso acontece, não é verdade?

Ora andava eu pela rua do Sol com o propósito de detetar nas montras uma linda prenda para ti. Queria oferecer-te alguma coisa fora de comum, uma coisa nunca vista. Mas que seria uma-coisa-nunca-vista? Custava-me imaginar, tanto mais que, como de costume, tinha pouco dinheiro. E descobrir uma-coisa-nunca-vista, que custasse pouco dinheiro, não se me afigurava fácil.



Por mais que olhasse para as montras não descobria nada, nadinha, que não tivesse já visto. Parei em frente de uma delas, muito larga, e atulhada de bonecas, bonequinhos, macacos, leões, zebras, girafas, elefantes, ursos, cães, gatos, pássaros, automóveis dos antigos e dos modernos; jogos, maquinetas, computadores. E também caixas de música, flautas, tambores e uma longa fila de livros de formato grande e pequeno. Num deles, com capa brilhante, lia-se, gravado em letras de ouro: «A Extraordinária Aventura Duma Menina Chamada Ana». Podes calcular como fiquei contente por ver o meu nome na capa dum livro, embora a tal Ana não fosse eu, já se vê. Outro tinha um título deveras engraçado: «A Fada Astuciosa», e ainda me lembro de mais um: «O Grande Doutor Sapiente».

No centro de tudo isto, em cima dum pedestal enfeitado de azevinho e coloridas bolas de vidro, um Pai Natal de plástico, com capa e barrete vermelhos, que dizia «sim» com a cabeça e depois abria os braços num gesto largo e atencioso como se quisesse convidar-me, lá fora ao frio, para entrar na loja. Dizia de novo «sim» com a cabeça, abria em seguida os braços, e sempre assim por diante. Olhando aqueles gestos repetidos quase que ia ficando atordoada quando, de repente, ouvi uma voz sonora:

– Ridículo!

Virei-me... Mico, tu nem vais acreditar! – Dei com os olhos num homenzarrão de longas barbas brancas e bigode descomunal; de capa vermelha e barrete também vermelho, guarnecido de pele de arminho; de botas altas e com um saco vazio às costas.

– Ridículo! – repetiu e ainda acrescentou: – Não estás de acordo, menina?

Deitei um olhar em volta, e como não havia ali outra menina concluí que o homenzarrão estava a falar para mim.

– Ridículo? O que é que o senhor acha ridículo? – perguntei a medo porque, deves imaginar, o colosso metia respeito. Ai se metia.

– O bonifrate de plástico – respondeu.

– Essa agora! Então o senhor não vê que ele é o Pai Natal – atrevi-me a replicar, apesar de também não achar grande graça a um Pai Natal de plástico.

– Qual Pai Natal, qual carapuça! – rabujou o estranho. – Tu não estás a acreditar no que dizes, menina. O que te falta é coragem para confes-sares o que pensas. É pena. Farias bem em aprender a não teres medo de dizeres o que pensas. Pois fica a saber: o Pai Natal sou eu!

– Muito prazer – balbuciei. – Estava tão pasmada que não me ocorreu mais nada para dizer, nem consegui falar direito.

– Igualmente – retribuiu aquele enorme Pai Natal. Depois pergun-tou: – Como é que te chamas?

– Ana – respondi.

Havias de ver, Mico! Foi como se tivesse ouvido a melhor notícia da sua vida, tão radiante ficou.

– Ana! Mas que sorte a minha! – exclamou.

– Sorte? Sorte porquê?

– Porque há mais de um ano que não encontrava uma capicua. Final-mente havia de ser hoje.

Como deves calcular, deu-me uma dessas vontades de rir que bem conheces, mas pus a mão fechada sobre a boca para não soltar uma gargalhada. Sabes? ao mesmo tempo que me apetecia rir, tive um pouco de medo daquele homenzarrão que se dizia o Pai Natal. Pois ele, todo calmeirão, tirou de um bolso, no interior da capa, três pedaços de giz, um vermelho, um azul e um amarelo, com que desenhou, no vidro da montra, o meu nome. Assim: ANA = ANA. Depois olhou para

aquilo com ar de satisfeito, como se tivesse comido uma data de bombons de chocolate.

– Ótimo! Ótimo! Uma grande sorte!

– Mas que espécie de sorte? – perguntei, pois já estava a rebentar de curiosidade.

– Isso logo se verá – disse ele. – Talvez a minha sorte seja a de te ter encontrado.

Riu-se, e o seu riso era tão volumoso que a rua do Sol estremeceu, como que agitada por um terramoto. Estranhamente, porém, nenhum dos transeuntes pareceu dar por isso.

Resolvi fazer outra pergunta para chegar a uma conclusão sobre aquele importante Pai Natal. Comecei assim:

– O senhor afirma ser o Pai Natal. Mas qual deles?

– Qual deles?! – exclamou cheio de indignação. – Que é que queres dizer com isso, sua atrevida?

– Quero dizer que há na cidade uma data de Pais Natal. Ainda há pouco vi um deles no supermercado «Vencedor», e ontem apareceu outro na televisão, no programa «É Natal, é Natal!»...

Com voz de trovão interrompeu-me:

– Basta! Basta de tanta baboseira, Ana! Supermercado «Vencedor», programa de televisão! Por quem és, minha linda Capicua. Pai Natal há só um. E o Só-Um sou eu, há centenas e centenas de anos. Entendes?

– Não entendo lá muito bem – atrevi-me a dizer. – E os outros que andam por toda a parte a distribuir prendas?

– Imitações, Ana, imitações. Suponho que sabes o que são imitações. Ou não sabes?

Piscou-me o olho como se estivesse a combinar comigo alguma partida.



– São cópias, respondi.

Não inteiramente satisfeito com a minha resposta abanou a cabeça:

– Mais ou menos isso, mais ou menos. Eu cá diria antes: macaquices.

Basta reparares naquele macaco, ali na montra, a fingir de ator de teatro.

– É um fantoche, senhor Pai Natal.

– Fantoche ou não fantoche, pouco interessa. O que ele anda a fazer são macaquices, mais nada. Mas agora vem daí. Vamos à casa onde estou instalado nestes dias.

Mico, que dizes a isto? A convidar-me assim, no meio da rua, para ir com ele. Eu nem sabia que o Pai Natal se instala cá por estas bandas. Por isso perguntei:

– Então o senhor não mora nas nuvens?

– Antes de mais nada, Ana, não me chames «senhor». Como vês, nem uso gravata. E em vez de Pai Natal, chama-me antes Nicolau. Agradar-me. Agradar-me mesmo muito. Há terras onde toda a gente assim me chama por entender que sou esse Santo Nicolau que, como eu, tem séculos de idade. Também houve Papas, Duques e Czares assim chamados. É que Nicolau é nome bonito e soa a homem inteligente.

– E o senhor é de facto inteligente, senhor Nicolau?

Talvez não fosse o que se chama uma pergunta respeitosa, mas ele não se mostrou magoado. Achei-o apenas um tanto convencido quando disse:

– Ana, agora ouve com atenção. Uma vez que ando, há tantos séculos, de terra em terra, de casa em casa, que conheci e conheço uma enorme quantidade de gente de todas as raças e idades, não hei de ser inteligente? Custa-te compreender coisa tão simples?

– Não me custa compreender – respondi, embora na verdade não estivesse convencida. Ele deve ter notado, porque disse:

– Não estás convencida, pois não?

Enchi-me de coragem e confessei:

– Sinceramente, senhor Nicolau, não me parece que a inteligência se meça pelos anos de vida.

Franziu o sobrolho, tal e qual o meu professor de filosofia quando alguma pergunta o incomoda:

– Hum, hum! Então tu duvidas de que um velho Pai Natal, que tem vivido e visto tanta coisa que tu nem em sonhos imaginas, não seja mais inteligente do que todas essas pessoas que raras vezes chegam a completar um único século?

– Senhor Nicolau...

– Deixa-te disso de «senhor», ouviste? Fiquei tão atrapalhada que até gaguejei:

– Nicolau... você... tu...

– Isso! Diz «tu» – animou-me ele.

Podes crer Mico, não me foi fácil tratar por tu um homenzarrão, que mal conhecia, como se tratam as pessoas da família e os amigos. Mas fiz um esforço e consegui.

– Nicolau, tu tens uma longa, longa experiência, acredito. Andas há séculos e séculos numa roda viva. Conheces tanta coisa que eu nem em sonhos consigo imaginar. Mas será tudo isso igual a ser-se inteligente?

Nicolau ficou pensativo. Meteu o polegar entre os dentes, assim como tu costumavas fazer, Mico, quando procuras decifrar uma adivinha. Depois falou deste jeito:

– Não sei o que hei de responder, Ana. Acho que temos de perguntar ao meu amigo e companheiro de casa, o professor Unapedra, o fenómeno em física, matemática e filosofia, que resolve os problemas mais intrincados num abrir e fechar de olhos.

De novo meteu o polegar entre os dentes. Abanou a cabeça e pôs-se a cismar em voz alta:

– Ora, ora... experiência de séculos igual a inteligência?... Nunca me ocorreu pôr tal coisa em dúvida... Estou a ver que ainda não sei tudo, com a breca!

Mas de repente espreitou-se:

– Vamos, vamos, despacha-te Ana! O Professor Unapedra só dá respostas até às seis horas da tarde. Depois vai para o jardim para tocar violino.

– Esse senhor tão entendido é velhote como tu?

– Como eu? Coitado. Pouco mais tem do que cem anos.

– E já é assim tão inteligente? – perguntei com uma certa manha. Nicolau não gostou. Puxou-me pelo braço e repreendeu-me:

– Ana, não achas que já basta de perguntas estrambólicas? Mexe-te, estamos atrasados.

Mico, não sei o que tu terias feito no meu lugar. Como és um bom pedaço mais novo do que eu, talvez tivesses fugido para casa. Mas eu não sou o que se chama uma criancinha, sou uma moça espigada como costuma dizer o nosso pai, e isso obriga-me a comportar-me à altura. Contudo estava com certo receio. Não se devem aceitar boleias de genie desconhecida, bem sabes. Mas neste caso tratava-se do Pai Natal, do Pai-Natal-Só-Um, e teria sido pouco delicado da minha parte mostrar-me desconfiada. Todavia, pelo sim pelo não, ainda lhe fiz esta pergunta:

– Nicolau, afinal tu moras ou não moras nas nuvens? Ele foi terminante:

– Escuta bem, Ana, eu moro nas nuvens quando me apetece morar nas nuvens e moro na Terra quando me apetece morar na Terra. E agora chega de conversa. Vamos embora.

Senti qualquer coisa como um aperto no peito. Onde me ia ele levar? E como havia eu de voltar para casa?

Quanto a ele parecia ter ouvido os meus pensamentos. Talvez as personalidades como o Pai-Natal-Só-Um tenham o poder de ouvir os pensamentos das pessoas comuns, sei lá. Pois acalmou-me assim:

– Não tenhas receio, Ana. Não te vai acontecer nenhum mal. E hás de voltar à tua casa com muita coisa para contar.

Não se enganou. Cá estou a contar. A contar muita coisa, sim, muita coisa mesmo.

Mico, imagina esta imagem: Nicolau, de quase dois metros e meio de altura, e eu, baixinha que sou, a dar-lhe pelos bolsos da sua manta, caminhando, lado a lado, a rua do Sol abaixo. Pena ninguém nos ter tirado uma fotografia. Chegados à esquina vi, para meu espanto, um automóvel preto, de rodas muito altas, carroçaria também alta, capota e com uma grande estrela em cima do radiador.

– Uma Dona Elvira! – exclamei.

Talvez Nicolau não achasse graça ao meu espanto. Com uma pitada de amuo na voz, explicou:

– É o meu carro. E não deve haver muitos como ele.

Então eu:

– Mas tu não costumavas andar de trenó, Nicolau?

Pôs cara de pregador:

– Minha boa Ana-Capicua, como és distraída. Andar de trenó numa terra sem neve?

Podes crer que corei. Como pude fazer uma pergunta daquelas? Por vezes sou mesmo pateta.

Pois bem. Nicolau abriu-me a porta do lado esquerdo da Dona Elvira.

– Vou-me sentar do lado esquerdo? – perguntei, admirada.

– Ah? Ainda não te disse, Ana. Estive há poucos dias em Londres e trouxe o carro comigo.

Compreendi. Mas tu talvez não compreendas. É que na Inglaterra o condutor fica do lado direito e ultrapassa os outros carros pela direita. O que não sei é porque razão assim acontece.

Nicolau também não sabia, apenas disse:

– Coisas dos ingleses.

– E se aparecer um polícia para nos multar? – perguntei.

Mas ele não se alarmou:

– Deixa isso comigo. Em toda a minha vida de tantos séculos nunca um polícia se meteu comigo. Não te esqueças que sou o Pai Natal.

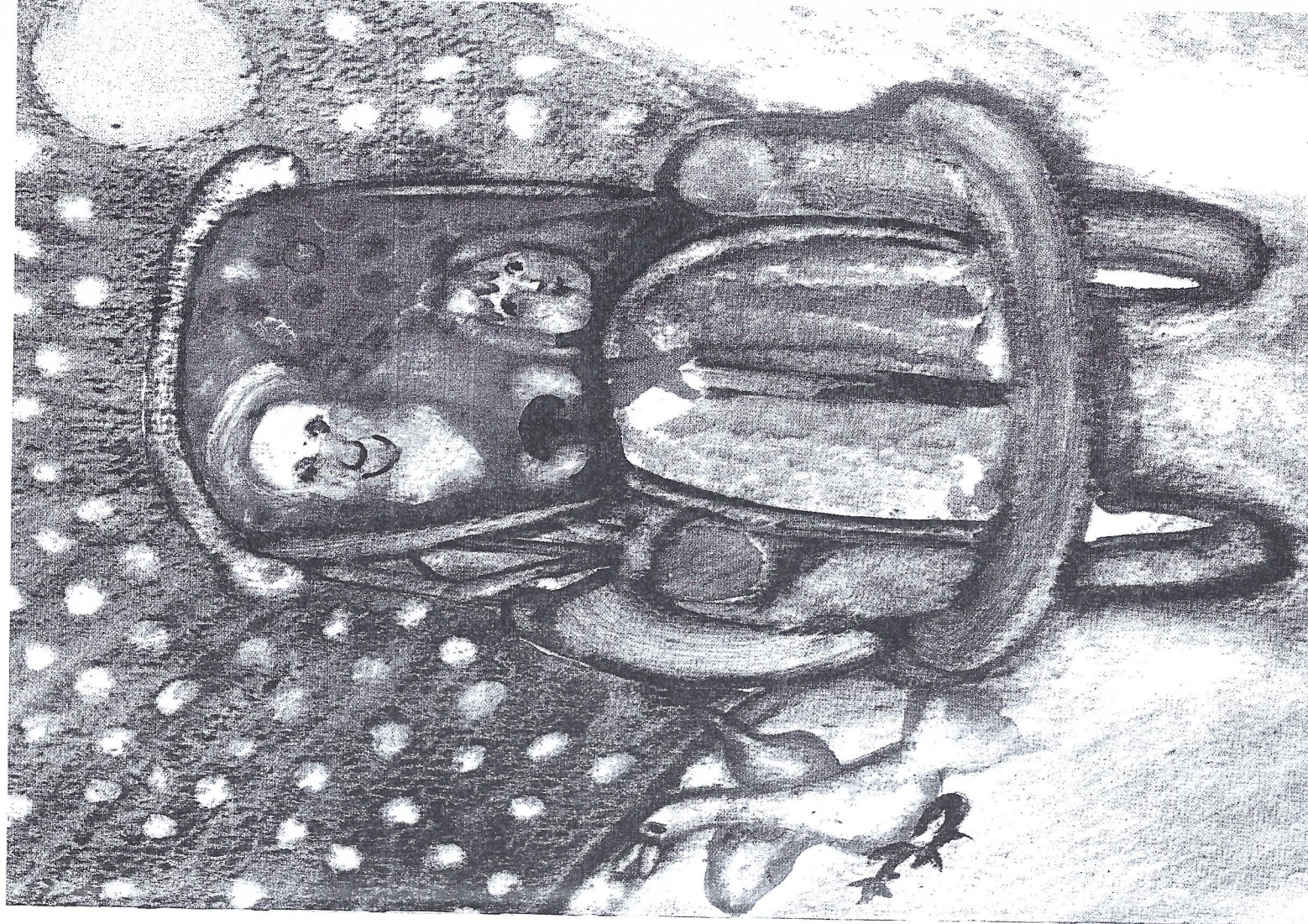
– O Só-Um – acrescentei.

– Isso, isso – disse ele.

Subi os degraus para o banco da frente, estofado de veludo vermelho. «Estou feita Rainha de Inglaterra» disse com os meus botões e aprumei-me de tal maneira que devia ter dado a impressão de ter engolido uma bengala.

Nicolau deu à manivela e o carro pôs-se aos pulos, tal e qual os potros do Texas que vemos nos filmes americanos e que fazem todos os possíveis para atirar com o cavaleiro ao chão. Mas não me assustei. Como sabes a bisavó Cecília não se cansava de nos falar do susto que ela e o bisavô Jaime apanharam, lá por volta do princípio do século, da primeira vez que foram convidados para um passeio num automóvel de marca Daimler. E, no fim de contas, nada de mal lhes acontecera.

Depois Nicolau saltou para o lugar de motorista inglês e tocou três vezes a buzina de borracha, semelhante a uma enorme pèra preta. Isso



produziu uma barulheira tão forte que as duas galinhas, aninhadas debaixo do carro, fugiram a sete pés.

Nicolau aconselhou-me a apertar o cinto de segurança e digo-te que fiquei admirada por haver tal coisa numa Dona Elvira. Mas mais admirada fiquei ao ver que o cinto era um entrançado de fios de prata e a fivela tinha cravada no centro um diamante que irradiava faíscas. Depois de eu estar bem e ricamente afivelada o carro desatou numa corrida louca, sempre aos solavancos. «Nem um foguetão», pensei, mas logo em seguida corrigi-me: «Disparate. Os foguetões não avançam aos solavancos, era o que lhes faltava!»

Não se distinguia nada lá fora. O mundo parecia feito de faixas, pin-celadas, franjas e chispas à mistura. Quase que me dava vertigens aquela estranha paisagem a deslizar com tanta velocidade como se um venda-val a empurrasse. Confesso que o meu coração me batia na garganta. E ainda por cima ultrapassámos uma caravana de automóveis, camionetas e motocicletas pela direita. Ai Mico! Se calhar nem acreditais.

– E supunha eu que as Donas Elviras andavam devagarinho. Por aí uns quarenta quilómetros à hora – disse a Nicolau.

Ele soltou uma gargalhada tão alta e volumosa que o corpanzil, ao vibrar-lhe, rebentou com o cinto de segurança.

Finalmente parámos. Soltei o cinto. Cá por mim gostava de ter ficado com a fivela de prata, mas não se pode ter tudo que se gostaria de ter, não é verdade?

Apeámo-nos. Olhei em volta: um vasto relvado, magníficas árvores, um laguninho azul em que nadavam peixes dourados e, aqui e ali, maciços de flores. Um atalho sinuoso e íngreme conduzia a uma casa

que parecia ser muito antiga, pois tinha no cimo da fachada uma fila de cavaleiros de elmo na cabeça e, a cada lado da porta de ferro, uma coluna encimada por um leão de pedra.

Nicolau tirou a sua capa e pendurou-a em cima dum arbusto.

– Estás bonito – disse-lhe eu e não menti, porque o fato de veludo vermelho escuro com o cinto branco ficava-lhe a matar, embora ele, por um momento, me fizesse lembrar o diabo que vimos – lembraste-te? – no teatro, na peça «Auto da Barca».

Mas foi só por um momento porque bastou-me olhar para as longas barbas e os simpáticos olhos piscas de Nicolau para que tal ideia se me varresse imediatamente da cabeça.

– Obrigado pelo elogio – disse ele e dobrou o corpo numa dessas medidas como as que fazem os atores quando agradecem as palmas.

Chegámos em frente da porta de entrada. Tinha dois batentes, um azul e outro cor de laranja. Esperava-nos um macaco grandalhão, de fato branco, cartola branca e luvas também brancas. Cumprimentou-nos com uma vénia tão expansiva que a cartola lhe saltou da cabeça e rolou pelo atalho abaixo.

Nicolau, vendo o macaco-porteiro atropalhado, acaalmou-o:

– Deixa lá Félix, a cartola também precisa de se divertir de vez em quando.

E, de facto, a cartola estava a divertir-se a valer. Depois de ter rolado sobre o relvado deixou-se cair no lago e pôs-se a nadar por entre os peixinhos dourados, saltou para fora e trepou por uma árvore acima. Logo duas pombas se transferiram do telhado da casa para lá e pousaram em cima dela.

- É que a minha cartola não é das vulgares - disse Félix. - Sabe, menina, trabalhei num circo com Fumanchu, o mestre dos prestidigitadores.

- E tirava pombas da cartola? - perguntei.

Com orgulho na voz, Félix explicou:

- Pois claro! Mas as pombas que dela tirava naquele tempo já estão mortas tal como o meu querido mestre, o que, no entanto, não exclui que a cartola ficasse na História da Arte da prestidigitação. Todas as pombas a conhecem, mais as suas fabulosas andanças pelo mundo.

- Félix, mostra à Ana o que mais sabes fazer - disse Nicolau.

Félix descalçou uma das suas luvas brancas e agitou-a três vezes no ar. Espanta-te Mico! A luva estava transformada numa pomba que levantou voo.

- Formidável! - exclamei.

- Obrigado, menina.

- Ainda não deste as boas-vindas à minha visita, Félix - disse Nicolau. E Félix perguntou:

- Como é que ela se chama?

- Ana.

- Ana! Uma capicua! Parabéns, senhor Nicolau, parabéns! Um dia de sorte.

Em seguida estendeu-me a mão peluda:

- Bem-vinda, menina Ana. Espero que goste da nossa moradia. Não é uma moradia qualquer. É seleta, requintada e recreativa.

Fiquei pasmada com aquele palavreado. Nicolau abanou com a cabeça e riu-se:

- Sabes Ana, o nosso Félix gosta dos adjetivos. É o que se chama um bem-falante.



Enfim, Mico, se não entendes, procura os significados no dicionário da Língua Portuguesa que encontrares na prateleira, por cima da minha escrivaninha.

– O Professor Unapedra ainda está a trabalhar? – quis saber Nicolau, e Félix esclareceu:

– Está sim. Falta-lhe acabar a última página das suas reflexões sobre a uniforme explicação teórica do Universo.

Mico, é o que te digo, aquele macacão ou era um grandíssimo farsante ou um sabichão a valer.

– Neste caso – achou Nicolau – temos tempo para tomarmos um refresco e comermos um petisco.

– Boa ideia – disse eu, pois estava com uma fome canina.

Félix abriu os batentes da porta, no jeito com que se abre o pano de boca dos palcos de teatro. Entrámos no átrio. Era quase do tamanho do átrio do cinema «Chaplin», onde foste comigo ver «Robin dos Bosques». Mas ali, no da casa de Nicolau, as paredes estavam revestidas de gigantescas pedras de dominó, feitas de marfim, com os pontos luzidios que bruxuleavam como as luzinhas dos pirilampos nas noites quentes de Verão.

Fiquei intrigada e não pude deixar de perguntar:

– Mas quem é que joga dominó com aquelas pedras tão grandes?

– Não são de jogar – disse Nicolau. – São sentinelas.

– Sentinelas?

– Queres que to prove?

Claro que queria. Então Nicolau tocou numa delas, dividida ao meio como costumam ser as pedras de dominó, com três pontos de um lado e quatro do outro. E, já se vê, o lado dos três tocava no lado dos três da pedra vizinha, e o lado dos quatro tocava no lado dos quatro da pedra

vizinha oposta. Pois passados uns segundos uma voz grave como a dos baixos nas óperas cantarolou:

Entrou a Ana-Capicua

Bem-vinda! Bem-vinda!

Aquilo era esquisito, é verdade. Mas Mico, acredita, só me faltou inchar, tão importante me senti.

Encaminhámo-nos em direção a uma porta amarela, salpicada de pintas vermelhas.

– Faz-me lembrar quando o meu irmão Mico teve o sarampo, observei.

– Tudo nos faz lembrar isto ou aquilo – disse Nicolau. – Por exemplo tu fazes-me lembrar uma rapariga que conheci e com quem andava sempre às turras.

– Quando foi isso, Nicolau?

– Oh! alguns séculos atrás, já não me recordo quantos. A gente vai perdendo as contas.

– Por quem és, Nicolau! Alguns séculos atrás? Como podia ela parecer-se comigo?

– Ora essa! – exclamou com esse tom dos adultos quando se impacientam com as nossas perguntas. E depois disse: – Porventura achas que ela não se podia parecer contigo, só porque usava saia armada e sapatos abotoados em vez de jeans e botas? Mas estás enganada. Ela tinha, exatamente como tu, uma cara bolachuda de olhos escuros, amendoados.

– Como é que se chamava?

– Lola.

– Então não era capicua.

- Não, capicua não era.
- Não te deu sorte, portanto.
- É verdade, não me deu sorte, mas isso não me impediu de gostar dela.

Fiquei varada com tanta contradição.

- Gostavas dela, Nicolau? Apesar de andarem sempre às turras e apesar de ela não te ter dado sorte?

E agora imagina tu, o que ele me respondeu:

- O amor tem os seus segredos, Ana.

Isso fez-me cismar. E atrevi-me a perguntar:

- E a Lola também gostava de ti, Nicolau?
- A Lola engraçava com as minhas barbas.

Mico, a gente ouve cada uma!

- Mas tu já tinhas barbas naquele tempo? - espantei-me.
- Que pergunta, Ana. Eu tenho barbas desde que me conheço.
- Então já as tinhas quando eras menino?

- É evidente. Pois se digo que as tenho desde que me conheço é exatamente desde que me conheço.

- É lógico - disse eu, mas depois acrescentei: - É espantoso.

- É lógico, mas não espantoso - disse Nicolau. - Não te esqueças que sou o Pai Natal. E achas que pode haver Pai Natal sem barbas?

O que havia eu de responder a isso? Como nada me ocorreu de mais ou menos aceitável, resolvi mudar de assunto.

- Encontrei muitas Capicuas pela vida fora, Nicolau? Havia de ver como se animou:

- Ah! se encontrarei? Eu vou-te dar alguns exemplos: a feiteira ISI que me brindou com a longevidade; o mocho UHU que me cedeu uma dose da sua inteligência; dois homens famosos de nome OTTO, um dos



quais era rei da Grécia e me ofereceu este manto forrado de arminho mais o gorro; e o outro, inventor, introduziu uma proveitosa engenhoca no meu trenó, com que se consegue travar, em meio segundo, os veados, sempre que eles se põem a galopar a toda a brida sem se aperceberem dos perigos pelos caminhos da Terra e das nuvens; a serpente KOBRA-LARBOK que me iniciou no complicado mister da diplomacia... Enfim um dia com muito vagar hei de contar-te tudo sobre as minhas queridas Capicuas...

Neste momento estávamos a pisar um tapete estendido diante da porta anarela, salpicada de pintas vermelhas. prontamente abriu-se, e mal nos encontramos do lado de dentro, fechou-se desejando-nos um «BOM APETITE»!

– Igualmente – disse eu, mas logo em seguida cisme: «Será que se pode desejar um BOM APETITE a portas?»

Entrámos numa salinha, onde, por detrás de um bufete, enfeitado com ramos de azevinho, se elevava o pescoço alto e esguio duma girafa. Tanto pescoço chega a ser exagero! Trepei-o com os olhos e dei com uma cabeça fina como a das corças, encimada por dois corninhos e com olhos muito meigos, semelhantes aos teus, Mico.

Ao pensar nos teus olhos acabei por pensar em ti todinho, de modo que disse:

– É verdade, Nicolau, tenho de arranjar uma prenda para o Mico, uma-coisa-nunca-vista.

– Temos tempo – achou Nicolau.

Uma voz que fazia lembrar o relincho dos cavalos, repetiu:

– Temos tempo, temos tempo.



Surpreendida, virei-me para o lado e vi uma criatura que, de repente, podia tomar-se por um burrico fugido dalguma cadeia, mas já deves ter adivinhado que se tratava duma zebra, não é verdade? Era uma dessas zebras pequenas, de riscas pretas e brancas e com a crina acastanhada, a começar nas orelhas e a terminar no penacho da cauda. A cabeça, coroadada por um chapelinho verde, tinha uma pena colorida, espetada atrás, tal e qual o chapéu com que o Tio Quim foi no ano passado à festa de carnaval.

– Então? – perguntou-me a girafa.

– Então o quê? – retorqui.

– A senhora está na lua ou quer tomar alguma coisa?

– Eu não sou uma senhora – disse eu.

– Ai não? Então o que é?

Com os olhos tão meigos e, afinal, tão trocista! Mas não teve sorte.

Respondi calmamente:

– Sou a Ana e ando no liceu.

– Bom proveito. Eu cá não precisei de andar no liceu.

– Eu cá também não precisei de andar no liceu – papagueou a zebra.

– Zeca Brás, tu nunca tens uma opinião pessoal? – irritou-se a girafa e abanou tanto o longo pescoço que toda ela se parecia com uma bandeira, agitada por uma ventania.

Zeca Brás franziu a testa, cerrou os olhos e disse:

– Greta, bem sabes, a minha opinião é que a razão está sempre do teu lado.

– Deixa lá, sua listrada. Cada um é como é. O que se há de fazer? – disse a girafa Greta com certo desdém.

Nicolau, até ali calado, bateu com o punho na mesa:

– O que é isso? Duas amigas às turras?

– São como tu e a Lola – gracejei.

Talvez não acredites, Mico. Mas é verdade: Nicolau corou! E corou tanto que ficou da cor do fato de veludo vermelho.

– Quem é a Lola? – perguntou Zeca Brás.

Nicolau, fulo, repreendeu-o:

– Não metas o nariz, onde não és chamado, Zeca Brás. Depois para desviar o assunto disse:

– E agora vamos tomar alguma coisa, sem demora. O Professor Unapetra já deve ter concluído os seus cálculos, e temos de lhe falar antes que comece a tocar violino. Greta, passa-me para cá uma coxa de peru e um copo de vinho verde. E tu, Ana, que é que te apetece?

– Um pão com geleia de amoras e uma laranjada.

– Só temos peru e Bolo-Rei – informou a Girafa Greta. Fiquei descolada.

– Peru a estas horas? E Bolo-Rei? Não gosto, não gosto mesmo nada. Não há rabanadas?

Todos me olharam estupefactos por eu falar assim. Decerto fui inconveniente. O pescoço de Greta, de tão trepidante, fazia-me pensar no tubo do nosso aspirador quando o pai o manija desajeitadamente.

– Rabanadas, só amanhã – disse Greta num tom magoadado.

Enfim, o meu estômago já estava a rosar. Por isso conformei-me:

– Está bem. Vou comer uma fatia de Bolo-Rei.

Trouxe-me um pedaço do tamanho dum tijolo. Como é meu hábito catei-lhe as uvas passas porque não há meio de lhes achar graça. Tinha precisamente comido a metade mais enriquecida de cerejas cristalizadas e bebido meio copo de laranjada, quando se abriu a porta ao fundo da sala e assomou, no limiar, um homem de cabelos brancos desgrenhados a cobrirem-lhe as orelhas, e com um bigode hirsuto, também

branco, que lhe caía sobre o lábio superior. Vestia calças de bombazina engelhadas e um camisolão preto, com largura bastante para dois troncos como o dele. Viam-se-lhe os pés nus entre as grossas tiras das sandálias.

– O Professor Unapedra – cochichou-me Zeca Brás aos ouvidos.

– Bons olhos o vejam, amigo Nicolau – disse o Professor com uma voz que fazia lembrar os sons dum violoncelo.

Depois, olhando para mim, perguntou:

– Quem é a menina que trazes contigo?

– Uma simpática Capicua, a Ana. Veio cá para te fazer uma pergunta. Pergunta de peso.

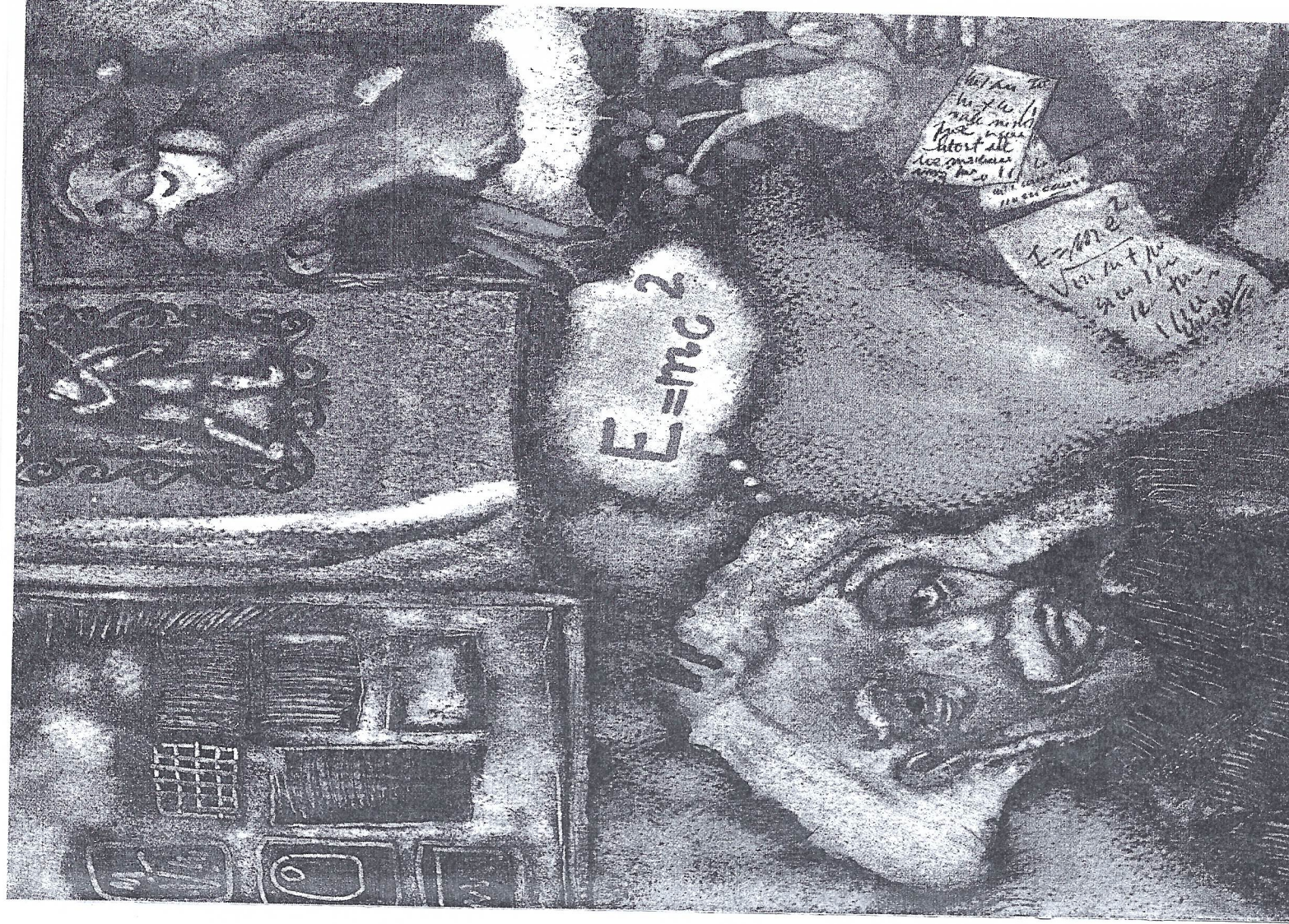
O Professor esboçou um gesto convidativo:

– Entrem, meus amigos, entrem.

Eu, ainda mastigando o Bolo-Rei, e Nicolau a ratar na coxa de peru, entrámos.

Mico, talvez estejas a imaginar que entrámos num gabinete atulhado de microscópios, computadores, televisões, vídeos e mais coisas assim. Também eu assim imaginei, mas vi imediatamente que me tinha enganado. Computador só havia um, mas era do tamanho do meu guarda-roupa. De resto só havia uma mesa, por aí duas vezes mais comprida do que a que está na nossa sala de jantar, empilhada de livros e folhas de papel cobertas de algarismos e fórmulas. Numa das cadeiras um estojo de violino, preto. Distribuídos pelas paredes um mapa do mundo, uma enorme lousa verde, uma fotografia de Madame Curie, igualzinha à da capa do meu livro que conta a vida dela; e, ainda, o retrato dum menino, instalado na copa duma ameixeira a comer ameixas.

– Sou eu, quando pequeno – explicou o Professor ao ver-me olhar para a fotografia – adorava trepar árvores, em especial as de frutos.



Riu-se, e todo o seu tronco chocalhava dentro do larguíssimo camisolão. Depois dirigiu-se com ar divertido a Nicolau:

– Recordas, meu velho, quando numa noite de Natal me aplicaste um duro castigo e me levaste, em vez da bicicleta que te tinha pedido, uma monstruosa palmatória?

– E com justiça – replicou Nicolau. – Trepas à nespereira do vizinho, encher a barriga de nêperas e cuspir os carocos sobre a relva não é propriamente uma boa ação. De acordo?

Nisto os dois velhos senhores desataram às gargalhadas, tão retumbantes que a mesa, a cadeira e as paredes abanaram. Apenas o computador não se mexeu, mas em vez disso falou com voz de boi a ruminar:

– Lembra aos rapazes o que ao diabo esquece.

– Cá está ele, o Doutor Mafona, sempre a meter a sua colherada – resmungou o Professor e deitou um olhar contrariado ao computador.

– Acha que este Doutor é vivo? – perguntei.

– Não Ana, não acho.

– Mas sabe falar.

– E basta saber-se falar para se estar vivo? Os peixes não sabem falar e estão bem vivos. As moscas também não sabem, apenas zumbem, e também estão vivas. O meu Doutor Mafona sabe falar e, no entanto, não é um ser vivo.

– Mas é sabedor – disse eu.

– Isso sim, é sabedor.

– E sendo sabedor não é vivo?

– Não Ana, não é vivo. Há uma coisa fundamental que ele não tem, mas que tu, o Nicolau e eu temos e que faz de nós criaturas vivas.

– E que coisa é essa? – eu estava ansiosa por saber.

– O Doutor Mafona, o grande sabedor, não tem coração.

– Mas nós podemos amá-lo, ou não podemos?

– E porque não? Mas só seremos correspondidos se ele for concebido com amor e para dar amor. É que o Doutor Mafona não passa de eco de quem o planeou.

Por mim teria gostado de ouvir mais sobre o Doutor Mafona, mas Nicolau propôs:

– E se a Ana fizesse agora a sua pergunta?

– Vamos a isso, Ana – disse o Professor – O meu tempo é pouco. Quero tocar violino antes que escureça. Que é que me queres perguntar?

Com certeza leu na minha cara que eu estava com receio de fazer a pergunta, pois encorajou-me:

– Não te acanhes, Ana. Pergunta o que quiseres.

Pôs em mim os seus olhos fundos, ao mesmo tempo ternos e melancólicos. Sabes? e não te rias, Mico, mas lembravam-me os olhos do nosso Príncipe, de quem tu dizes ser o cão mais esperto do mundo. Tomei ânimo:

– O Senhor Professor vai introduzir a minha pergunta no computador?

– Acho melhor dizeres-me, antes de tudo, o que é que queres saber – disse ele.

Então eu:

– A inteligência mede-se pelos anos de vida?

Inclinou a cabeça sobre o ombro e olhou para mim com jeito de surpresa. Nicolau interveio:

– É que a Ana já me fez essa pergunta, mas eu não lhe soube dar a resposta.

– Então vamos a ver se eu serei capaz. E sem precisar do bedelho do Doutor Mafona, esse meu marioneta-sabichão das dúzias – disse o Professor, sorrindo.

Sentou-se à mesa, fixou por uns momentos os olhos na copa da árvore, lá fora por detrás da janela e, por fim, falou:

– Repara Ana, longos anos de vida reverterem em experiência, dão ocasião para se verem muitos lugares, conhecerem-se em abundância gente, animais, plantas e obras realizadas pelos homens. Mas quem, em longos anos de vida, não aprendeu a ler nos corações dos homens, a compreender a língua dos animais e o cheiro das plantas; quem não conseguiu ouvir a música nas palavras, nas cores, no rumorejar das águas e das árvores, pouco ganhou com a longevidade, pois nada de verdadeiramente válido saberá transmitir aos outros homens.

Mico, eu nunca tinha ouvido dizer palavras tão bonitas e tão atinadas.

– Compreendes? – perguntou o Professor.

– Compreendo – respondi e atrevi-me a acrescentar: – E quanto ao Nicolau? Tão velho, tão viajado e que conhece gente de todos os tamanhos e todas as idades, ficou inteligente?

– Ora, ora – resmungou Nicolau entre dentes.

– O nosso amigo Nicolau não precisa de ficar inteligente, ele, desde sempre, tem sido inteligente, – achou o Professor Unapedra.

– Obrigado, amigo – disse Nicolau, e as compridas barbas estremeceram-lhe de emoção e contentamento.

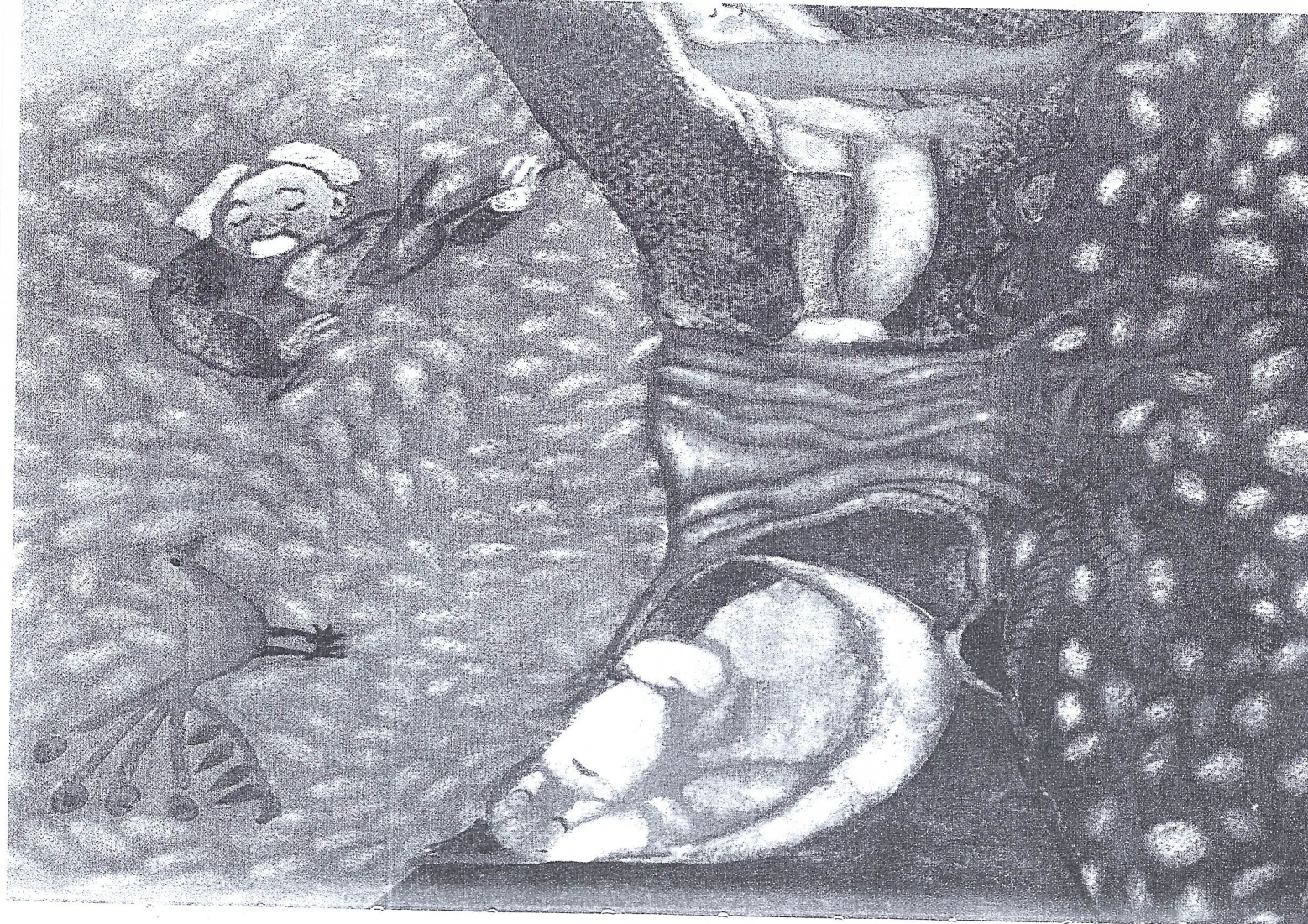
– E agora desculpai-me, o meu violino já está impaciente.

Dito isso o Professor pôs um chapéu de linho na cabeça, abriu o estojo, tirou o violino e o arco, apertou a mão a Nicolau, deu-me um beijo, abriu a janela e, com a agilidade dum rapaz, saltou para o jardim.

– Fecha a boca Ana – disse Nicolau vendo-me de boca aberta de espanto.

– Estou espantada, Nicolau.

– Bem se vê, Ana Capicua – disse ele e riu-se.



Debruçámo-nos os dois na janela e vimos – não estou a inventar, Mico! – vimos o Professor, de violino debaixo do braço, trepar tal e qual um gato, uma árvore, aninhar-se entre o folheto, meter o violino debaixo do queixo e começar a tocar. Não sei que melodia era aquela, só sei que era maravilhosa como a história da Sereiazinha, graciosa como uma dança em pontas e colorida de sons como o arco-íris.

Gostaria de ter ficado por mais tempo ali à janela a escutar, mas Nicolau impacientou-se:

– Vamos, anda daí. O tempo vai passando. Quero apresentar-te a Dona Calíope.

– Quem é a Dona Calíope?

– A Dona Calíope é tudo o que quiseses: musa, fada, bruxa...

– Ui! exclamei.

Acenei adeus ao Professor Unapedra. Em resposta meneou o arco do seu violino e continuou a tocar.

Passámos por um longo corredor de paredes pintadas de verde e parámos numa porta onde se lia, escrito em maiúsculas: CALÍOPE. Ouvii-se o ladrar de um cão.

– É o Calef – disse Nicolau e bateu à porta.

– Quem é? – perguntou de lá de dentro uma voz de mulher.

– Sou eu, Nicolau, mais uma visita.

– Entra, mais a tua visita!

Nicolau empurrou a porta que não tinha puxador. Entrámos.

– Vuf! – ladrrou o cão Calef.

– Vuf! – respondeu Nicolau e fez-me um sinal para eu fazer o mesmo.

– Vuf! – disse eu e pensei: «Se calhar quer dizer boa-tarde na língua dos cães».

Calef era um assombro. A cabeça parecia mais de raposa do que de cão, não só por ter o focinho afilado, mas também por os olhos serem claros e matreiros. Vestia um fato elegante, camisa branca e gravata às riscas. Um grão-fino a valer.

Nesse mesmo instante ouviu-se uma outra voz:

– Brrr!

– Brrr! – respondeu Nicolau.

Fiz o mesmo.

– Brrr!

E só então reparei que, em cima da escrivaninha e sobre uma rima de folhas de papel, se encontrava um gato, de redondos olhos amarelos, luminosos como a lua cheia, mas com pupilas tão negras como a mais cerrada escuridão. De cabeça erguida, um pouco inclinada e de orelhas fitas dava a ideia de estar a vigiar-nos.

– Calma, Zuzu – disse a senhora que se levantou do sofá e se enca-minhou para nós.

Nicolau fez as apresentações:

– Dona Calíope – A Ana Capicua.

Mas que senhora, Mico! Tu nem sonhas! Envolvida num xaile cor-de-rosa, pintalgado de estrelas, sóis e luas, não era nova, mas também não era velha, a bem dizer parecia não ter idade. No alto da cabeça erguia-se um puxinho em que espetava uma caneta dourada. Eu não sabia o que dizer, isso de «Muito prazer, minha senhora» achava ridículo.

Mas ela não parecia estar à espera de nenhuma manifestação do meu prazer ou desprazer, pois cheia de entusiasmo exclamou:

– Então és Ana! Era o nome da minha bisavó, uma grande mulher. E que é que fazes tu aqui nesta casa, Ana?

– Foi Nicolau que me trouxe.

– Trouxe-te para quê?

«É muito perguntadeira», pensei, mas bem educada respondi:

– Trouxe-me para eu poder fazer uma pergunta ao Professor Una-pedra.

– Que espécie de pergunta?

Achei curiosidade de mais. Por isso disse apenas:

– Ele já respondeu, Dona Calíope.

Mas ela não se dava por satisfeita;

– Mesmo assim gostava de saber. Talvez tenha também uma resposta a dar.

Tanta insistência meteu-me medo. Ela apercebeu-se disso:

– De que é que tens medo, Ana?

– De coisa nenhuma – respondi, porque não tive coragem para dizer a verdade.

– Tens medo de mim?

Pensei: «Pois claro. É musa, fada e bruxa. Logo adivinha o que sinto».

– Sim, tenho um pouco de medo, respondi e a voz tremia-me. Sorri dum modo tão simpático que, naquele momento, era mesmo fada, das bonitas, amiga das pessoas. E disse:

– Não é caso para isso, acredita. Eu cá sou assim, gosto de saber tudo e mais alguma coisa. Faz parte da minha personalidade. Ser-se curioso talvez seja defeito, mas não defeito grande. De resto o que é que se aprende se não se for curioso? Concordas?



Pus-me a pensar. Sim, até certo ponto ela tinha razão. Se não fomos curiosos de saber como se constrói uma casa, se planta uma árvore, se faz um livro ou como vivem as pessoas em outras terras e como viviam em outros tempos, e muitas outras coisas mais, não ficamos a saber em que mundo vivemos.

– Então Ana, chegaste a uma conclusão? – perguntou Dona Calíope.
– Cheguei, Dona Calíope. Acho que sim, que sem sermos curiosos não ficamos a saber o que se passa em redor de nós e longe de nós mas, e peço desculpa, estamos ansiosos por conhecer o que se passa na vida de cada um, talvez não seja lá muito bonito.

De novo ela riu-se:

– Estou a ver que me tens por mexeriqueira. Realmente não deixas de ter uma certa razão, mas não toda a razão. Digamos: sou mexeriqueira na medida justa. Aceitas-me assim?

– Aceito – respondi, porque gostei da sua franqueza.

– Então vamos à tua pergunta.

E eu:

– Cá vai ela, Dona Calíope: a inteligência mede-se pelos anos de vida?

Apertaram-se-lhe os olhos como acontece com os da nossa tia Elvira, tão míope coitada, quando está à janela e procura detetar o que se passa ao longe. Logo a gata Zuzu apertou também os dela. Reparei então que a gata e a dona se assemelhavam.

Passados uns minutos Dona Calíope saiu-se com esta tirada:

– À pergunta tola não dês resposta, mas à pergunta astuta resposta aguda. Ora, a tua pergunta é astuta. Portanto terás resposta aguda. Ouve com atenção: aproveita-te do que diz o velho e valerá por dois o teu conselho. Velha experimentada por água vai arregaçada. A expe-

riência corrige. Pois são estes os antiquíssimos ditos das populações do mundo. E agora diz-me tu, Ana, se deles depreendes que a experiência se mede pelos anos de vida.

Dos olhos saltavam-lhe chispas de divertimento, e as luas e as estrelas, espalhadas sobre o seu xaille, faiscavam como fogo de artifício. Levantei os olhos para Nicolau à procura de ajuda, mas ele apenas me alentou:

– Pensa, Ana Capicua, pensa.

– Dou-te três minutos – disse Dona Calíope. – Se não conseguires responder até lá, a tua imaginação deixa bastante a desejar.

Aquilo dava-me a ideia de estar a tomar parte no programa da televisão «Quem é Burro?». Pensei: «Terei um prémio se acertar?»

– Terás, terás sim senhora, um prémio dos bonitos – diz Dona Calíope, e já não havia dúvida de que adivinhava os pensamentos dos outros.

Entalei o polegar entre os dentes como se tivesse de resolver um intrincado problema de aritmética. No mesmo instante apareceu na parede, por detrás de Dona Calíope, um enorme mostrador com dois ponteiros negros igualmente enormes que, tiquetaque, tiquetaque, deram início à sua primeira volta de segundo em segundo. E eu a magicar, a magicar. Precisava de dar uma resposta que, de todo em todo, não fosse pateta. Só quase já no fim da terceira volta dos ponteiros é que consegui desembaraçar-me. Eis a resposta que dei:

– Acho que o conselho dos velhos tem valor. Ao conhecermos as suas experiências podemos corrigir uma data de erros. É como diz o meu pai: os mestres fazem-se aprendendo ao longo de muitos anos. Mas perdoem-me, Dona Calíope e Nicolau, não creio que a inteligência se meça apenas pelos anos de vida. Conheço pessoas que ainda não são velhas, mas inteligentes. Tenho companheiros de turma inteligentes e

– não te envaideças agora! – o meu irmãozinho Mico também é inteligente.

– Acertaste! Bravo! – exclamou Dona Calíope. – E fizeste um belo discurso. Tens toda a razão: tal como os homens não se medem aos palmos, a inteligência não se mede pelos anos de vida. Ganhaste o teu prémio. Saltitando alegremente como um pardalzinho encaminhou-se para o armário envidraçado, cheio de livros. Tirou para fora um deles, sentou-se à escrivaninha e pôs o livro sobre a tampa. A gata Zuzu espreguiçou-se, espetou em mim os olhos luminosos e depois saltou em cima das costas da dona para lhe sacar, com uma das patas, a caneta dourada do cabelo.

– Obrigado, Zuzu – disse a Dona Calíope, agora com o cabelo solto a cair-lhe pelas costas abaixo. Isso ficava-lhe bem e fazia-lhe parecer uma dessas fadas que vêm nas gravuras do velho álbum que a avó guarda com tanto cuidado como se fosse ouro.

Na capa do livro vinham três retratos: o da gata Zuzu, do cão Calef e o duma rapariga parecida comigo. O título era «Zuzu, Calef, Ana e o Anel Mágico». E ainda «Escrito por Calíope dos Sete Fôlegos». Ela abriu-o no frontispício, isto é, na página em que vem outra vez mencionado o título, e escreveu com tinta dourada: «Ana, se um dia voltares cá, traz-me o teu irmão Mico. Gostava de o conhecer». Depois entregou-me o livro, pesado como uma malinha cheia de roupas. Não cheguei a lê-lo, e ainda vais saber porquê. É pena. Mas agora já não há remédio.

Agradei a oferta. Calef fez «uf! uf!» Talvez quisesse dizer: «Não tem de quê». Endireitou a gravata, engoliu uma mosca e foi ter comigo para me lambar a mão. Zuzu não me ligou importância. Senhora do seu nariz pôs-se a alisar o pelo com a língua e bocejou como se pretendesse

dar-me a entender: «Podes ir embora. Basta de tanta conversa». Mas eu ainda estava com a figada de fazer uma pergunta a Dona Calíope:

– Diga-me, Dona Calíope, constou-me que a senhora é musa, fada e bruxa. É verdade?

Inclinou a cabeça para trás e desatou a rir numa gargalhada que parecia não ter fim. De tão divertida verteu lágrimas que a gata Zuzu lhe limpou com as patas. Quando parou de rir disse a Nicolau:

– Que achas, Nicolau?

Nicolau, calado como um rato durante a minha difícil prova e entretido a jogar uma paciência, respondeu:

– Que és musa, fada e bruxa é verdade, mas nunca és as três coisas ao mesmo tempo. Desde que eu e a Ana cá estamos, tens sido fada. Quanto a mim gosto de ti de todas as maneiras.

– Folgo com isso, Nicolau – disse Dona Calíope com um trejeito de boca que tanto podia significar modéstia como vaidade.

– Que idade tem, Dona Calíope? – perguntei.

– Ora vejão! – exclamou ela -. Primeiro acusa-me a mim de ser curiosa, e agora revela-se uma menina indiscreta.

– Desculpe, Dona Calíope – disse eu, atrapalhada.

– Estás desculpada e vou-te dar a resposta. Eu cá sou nova e velha, velha e nova, conforme quero e conforme me convém.

– Quando é fada serve-se de uma varinha mágica? – continuei a perguntar.

Havias de ver como ficou irritada:

– Varinha mágica?! Nem me fales em tal coisa! Por acaso ainda não deste fé que chamam assim a um reles instrumento de cozinha, com que se tritaram batatas e hortaliças? Aos famigerados inventores desses apetrechos não ocorreu mais nada do que macaquear o nome do mais

nobre auxílio de trabalho das fadas. Que miséria de imaginação! Não, minha boa Ana, eu já não me sirvo da varinha mágica.

– Então como é que faz magia, Dona Calíope?

Meteu a mão no decote do vestido e puxou para fora um anel, enfiado num cordão de prata. Estranho anel. Trazia, incrustado, em pérolas minúsculas, um espelhinho redondo.

– Vê-te neste espelho – disse Dona Calíope – pondo-o diante da cara. Formidável, Mico! Embora não fosse maior do que um grão de milho refletiu a minha cara em tamanho natural.

– Um Anel Mágico – disse eu com assombro.

A gata Zuzu plantou-se à minha frente e, de olhos arregalados, mirou-se no espelhinho. Nesse mesmo momento Dona Calíope rodou o anel e – arriba! – Zuzu encontrou-se em cima do armário dos livros. Nada perturbada, ondeou a cauda como se agradecesse um favor. O cão Calef fez uma careta e depois ladrrou «Au! Au! Au!». Julgo que se estava a rir. Logo Dona Calíope rodou de novo o anel. E zás! a pintura, pendurada por cima do sofá, caiu direitinha em cima do cão pinoca. Como grão-fino que era, não gemeu, mas não pôde evitar torcer o focinho de dor.

Nicolau bateu palmas de chacota. Pronto! A Dona Calíope rodou o anel, e o bigode e as barbas de Nicolau voaram pelos ares como tirinhas de papel. Com medo que me acontecesse alguma coisa semelhante não me mexi nem piei.

– Sua bruxal! – gritou Nicolau.

Deu saltos e agitou os braços para caçar o bigode e as barbas. Dava vontade de rir, porque Nicolau parecia-se com o palhaço Pantalón que vimos no circo «Planeta». O nariz tinha-lhe crescido como o do Pinóquio, e os cabelos ergueram-se-lhe no ar como os ramos dum arbusto desfolhado. Embora achasse cómico fiquei assustada. Que iria ela tramar em



seguida? Pois foi isto: tirou o xale salpicado de estrelas e luas. E toda ela, coberta de seda amarela, saltou por cima da escrivaninha, abriu os braços no jeito das gaivotas quando abrem as asas. Pensei: «Vai voar». Mas não. Deixou-se ficar assim durante uns momentos e depois exclamou numa voz parecida com a das gralhas:

– Oco! Coco! Maloco! Zêbe! Trebe! Malêbe! Zap!

E...

Lembras-te Mico, quando me dizias que gostavas de ter uma sala redonda? Redonda como a pista de um circo? Pois era precisamente assim a sala onde nos encontrávamos, redonda como no circo.

– O meu domínio – disse Nicolau.

Estranho domínio, aquele. O chão coberto de relva, relva autêntica e não de plástico. No centro um pinheiro monumental, tão alto que furava pelo teto fora. Como se compridos braços fossem, estendia uma enorme quantidade de ramos cheinhos de agulhas verdes, em que centenas e centenas de velinhas poderiam ter brilhado, mas nem uma única se via. Em vez disso estavam povoados de pássaros que, mal se aperceberam da nossa presença, entoaram alegre chilreio.

Havia, para além de uma cama, uma lareira acesa, um cadeirão, alguns bancos e um grande saco atulhado.

Nicolau deixou-se cair no cadeirão, tirou as botas e esticou as pernas em direção à chama. Mico, não digas a ninguém o que te vou confiar: ele tinha em cada uma das suas peúgas um buraco, e os dedos grandes, a espreitarem para fora, pareciam duas batatas descascadas. Sentei-me num dos bancos. Estiquei também as pernas para a chama e, aconchegada no calorzinho, por pouco teria adormecido ali mesmo. Mas de repente lembrei-me que tinha uma pergunta a fazer:

– Nicolau, porque é que tu, o Pai Natal, não enfeitas o teu pinheiro?

– Então? Não está enfeitado? Ou não gostas da passarada?

– Gosto. Gosto até muito. Mas faltam poucos dias para o Natal.

– Pois faltam. E não sabes que em casa de ferreiro espeto de pau?

Repara, nesta altura do ano ando numa correria doida, de madrugada até à noite, e sempre com um pesado saco às costas. Nas minhas andanças vejo tantos pinheiros e pinheirinhos, dos mansos e dos bravos, abati-dos nos pinhais e depois arreados que, quando chego a casa, fico contente a olhar para o meu, de ano para ano mais crescido e com mais pássaros.

Aquilo parecia sensato e, bem vistas as coisas, aquele pinheiro robusto e musical não deixava de ser extraordinário.

– Posso ver o que está naquele saco tão atulhado? – perguntei. Nicolau levantou e baixou o braço direito, nesse modo sacudido dos juízes de partida quando dão o sinal para os corredores arrancarem. E prontamente saltaram do saco leões, elefantes, zebras, girafas, ursos, cães, gatos, bonecas, automóveis, plantas, tambores, computadores e mais outros brinquedos.

– Mas não há alguma coisa-nunca-vista? – perguntei.

E logo ouvi a gargalhada ruidosa de Nicolau, os pássaros a chilrear e, não sei como, o Professor Unapedra a tocar a sua linda melodia. Mas, de súbito, intrometeu-se a voz da Dona Calópe: «Oco! Coco! Maloco! Zêbe! Trebe! Malêbe! Zap!».

E encontrei-me lá fora, junto do macacão Félix. A porta de entrada estava fechada e do Pai Natal nem vislumbre. Pus a mão no trinco, mas Félix disse:

– É escusado. Não podes tornar a entrar. O tempo da tua visita acabou. Deitou-me o braço em volta dos ombros e encaminhou-se para junto do lago.

– E Nicolau? Onde é que ficou Nicolau? – perguntei.

Espetou o dedo indicador no ar. Segui-lhe a direção com os olhos e vi um helicóptero a voar rumo ao norte.

Neste mesmo instante ouvi um estranho rumor nas águas do lago. E, quando baixei para lá os olhos, vi surgirem à superfície peixes dourados, mais peixes dourados e ainda mais peixes dourados que, perante a minha admiração, se metamorfosearam em pássaros, lançaram-se no ar, um atrás do outro, ordenadamente. Um colar de pássaros a subir, a subir até alcançar o helicóptero. Ali se enganchou na retaguarda. Mico, consegues imaginar? Um helicóptero com uma cauda dourada que se foi afastando no horizonte, longe, cada vez mais longe. Um último rasto, um brilho e desapareceu.

Senti-me abandonada, quase como tu quando a mãe vai ao cinema e diz «até logo», fechando a porta da entrada atrás de si.

– Nicolau! Nicolau! – chamei.

– Já não te ouve – disse Félix.

– Mas eu gostava de saber se sempre lhe dei sorte.

– Um dia saberás.

– Um dia, quando?

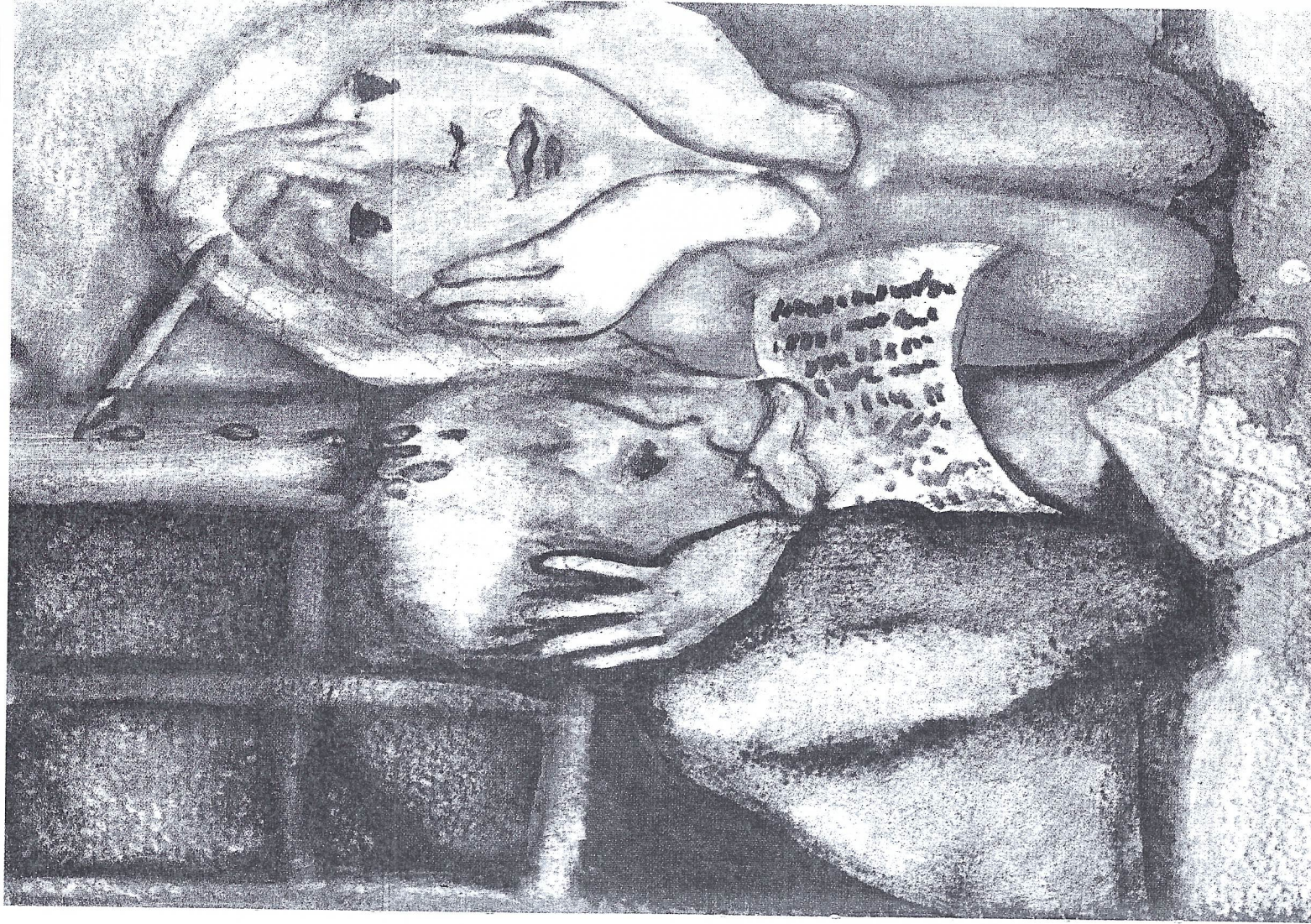
– Quando voltares a encontrá-lo.

– No ano que vem?

– No ano que vem ou num outro ano qualquer. Espera com paciência. Nicolau nunca se esquece das suas Capicuas. Mas diz lá, onde ficou o livro que trazias debaixo do braço?

O livro que me dera a D. Calíope! Deixara-o cair no lago quando me espantara com a metamorfose dos peixes dourados em pássaros. Nunca o haveria de ler nem de to oferecer, Mico.

– Enfim – disse Félix – foi pena, mas agora já não há remédio. Para outra vez toma melhor conta das coisas que estimas.



E nisto, tirou a cartola da cabeça, deitou as luvas lá dentro, correu três vezes em volta de mim, disse qualquer coisa julgo que em chinês e depois...

Não sei, Mico, não sei explicar. Não ouvi mais nada, nem senti coisa nenhuma. Foi tudo num fechar e abrir de olhos. Estava outra vez em frente da loja dos brinquedos, agora esplendidamente iluminada. No meio dos ramos de azevinho, brinquedos e livros continuava o Pai Natal de plástico a fazer que «Sim» com a cabeça e a abrir os braços para me convidar a entrar. Mas falei-lhe assim:

– Não senhor, seu palerminha, não lhe vou comprar coisa nenhuma. E já sei o que hei de dar ao meu irmão: uma-coisa-nunca-vista, sim senhor, uma-coisa-nunca-vista.

E pronto. Vim para casa e comecei a escrever-te esta carta. Espero que a consideres uma-coisa-nunca-vista e a guardes na tua arca, pelo menos até ao dia em que eu voltar a encontrar o Pai Natal-Só-Um, o bom Nicolau da minha aventura.

Um Feliz Natal, meu querido Irmão!

E um grande abraço
da tua irmã Ana.

ANA-ANA

Título: Ana-Ana ou «uma coisa nunca vista»

Autora: Ilse Losa

Ilustração: Manuela Bagalar

Edição: Edições Afrontamento, Lda.
Rua de Costa Cabral, 869 – 4200-325 Porto
www.edicoesafrontamento.pt
comercial@edicoesafrontamento.pt

Conceção gráfica: Edições Afrontamento

Coleção: Obras Completas de Ilse Losa
[SÉRIE INFANTOJUVENIL] - 01

N.º edição: 1856

ISBN: 978-972-36-1638-5

Depósito legal: 497386/18

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda.
Sarra, Maria da Feira

www.rainhoeneves.pt | geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

1.ª edição nas Obras Completas: Março de 2018

